

Entre o rural e o urbano

Piauienses na citricultura paulista

*Lidiane M. Maciel **

Considerações iniciais

No município de Matão no Estado de São Paulo, durante os meses de junho e julho, período em que se inicia a safra da laranja, a cor local se modifica: é comum na periferia da cidade a circulação de ônibus com a denominação “Rurais”; o encarecimento dos aluguéis e demais produtos e, em toda a cidade – nos bares, supermercados, praças, igrejas e escolas –, escuta-se a seguinte fala: *Os Piauí estão chegando*¹...

Na década de 1990 o Estado de São Paulo vivenciou uma mudança significativa na distribuição de sua população. A Região Central do Estado de São Paulo tendeu a ganhar população advinda de pelos menos dois fluxos migratórios: o primeiro que partia sentido capital-interior e os que derivavam de outros estados brasileiros, como Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraíba, etc. (BAENINGER, 1999).

Já na década de 2000 esses espaços sociais foram atingidos por novas dinâmicas migratórias, também descritas por Baeninger (2011); segundo a autora, no contexto da nova configuração produtiva “os fluxos mais volumosos e de longa distância são compostos de idas-e-vindas, refluxos, re-emigração, outras etapas” (p.76). Haveria nesse contexto um aumento das áreas de “rotatividade migratória” nas quais as idas-e-vindas são mais constantes. Silva (2007) afirma que houve uma verdadeira modificação na cartografia migratória da Região Central e de Ribeirão Preto, com a entrada de população advinda dos estados do Maranhão e do Piauí, antes não tão perceptível na região que predominantemente recebia migrantes de Minas Gerais.

No que toca às mudanças econômicas e sociais que se processaram nesses espaços (BOURDIEU, 1989), os trabalhos realizados por Silva (1998, 2007), Novaes e Alves (2007), Scopinho, (2004), Maciel, (2012), ao mostrarem a condição de

* *Doutoranda em Sociologia – IFCH/Unicamp/SP*

vida e trabalho da população migrante na Região Central e de Ribeirão Preto, são representativos da nova dinâmica que atingiu o interior de São Paulo nas últimas décadas. Os autores mostram que o moderno e dinâmico agronegócio do Estado de São Paulo, ao criar um sólido mercado de trabalho temporário nessas regiões, modificou definitivamente suas estruturas econômicas e sociais.

É, então, nesse mercado de trabalhos rurais que se assalaria, temporariamente ou permanentemente, parte da população migrante residente nos municípios da Região Central e de Ribeirão Preto. No município de Matão, onde se encontra instalada uma importante empresa do ramo da citricultura, foi constatado, a partir de mapeamento realizado por Pereira et. al. (2012), um aumento significativo de famílias de trabalhadores rurais piauienses na colheita de laranja a partir do ano 2000.

Esse dado foi estudado em pesquisa de campo realizada nos municípios de Matão-SP e de Jaicós-PI. Entre março e julho de 2012 foram feitas cerca de 40 entrevistas, que seguiram a metodologia da história de vida. Nessas entrevistas constatamos que a situação de “temporalidade” desses trabalhadores lhes impunha uma dupla condição: Além de estarem submetidos cotidianamente ao mundo rural e ao urbano, por se assalariarem nas roças de laranja da região e morarem nas periferias urbanas, ainda estavam atrelados às suas terras deixadas sob o cuidado de outros familiares em comunidades agrícolas do município de Jaicós, ou de suas proximidades, no estado do Piauí.

O trabalho nos laranjais da Região Central do Estado de São Paulo garante, assim, a subsistência da família e a sua permanência na terra no local de origem. O estudo de Moraes et al. (2007), sobre a migração de piauienses da microrregião de Valença-PI, para o corte de cana-de-açúcar no Sudeste, já atestava que a migração, para algumas regiões do Piauí, passou a ser vista como parte do modo e meio de vida para sua população, ou seja, os múltiplos deslocamentos são tomados como uma estratégia de sobrevivência, ao passo que a produção de “aprovisionamento” (SAHLINS, 1970) não garante os mínimos vitais durante o período de secas.

A economia por provisionamento não gera necessariamente uma produção para o consumo, ela está também vinculada a um mercado de trocas econômicas, em que o interesse maior é pelo consumo de bens variados e em menor escala aparece o lucro derivado das trocas. O município de Jaicós é conhecido, localmente, por abrigar às segundas-feiras, uma grande feira que atrai comerciantes das cidades do entorno e dos interiores², para comprar e trocar produtos. Nesse dia, a praça central da Igreja de Nossa Senhora das Mercês adquire múltiplas cores, derivadas das lonas das barracas; delas emanam diferentes cheiros e por elas desfilam variados gostos. A movimentação de pessoas indo e vindo, com sacolas sempre a encher, é intensa, e é constante a circulação de caminhonetes – “pau-de-arara”, como denominam os moradores –, que levam e trazem população “dos interiores”.

Para essa população, desprovida dos mínimos vitais, diante das precárias condições de existência na origem; da terra insuficiente e pobre de recursos, quando não arrendada; dos “invernos fracos” e da falta de emprego e renda, a migração torna-se uma obrigatoriedade. Nesse aspecto,

ela pode ser entendida como uma verdadeira prática de expulsão (SINGER, 1976; SILVA, 1998).

Na Região Administrativa Central do Estado paulista, o município de Matão representa uma potencialidade no mercado de produção e processamento de cítricos (NEVES, 2010). Nesta cidade encontra-se instalada uma importante empresa do ramo que depende de mão de obra especializada e não especializada.



Feira da segunda em Jaicós – PI, 2012

Foto: Giovana G. Pereira

O setor brasileiro de cítricos, ao lado dos Estados Unidos, é responsável por 90% da produção de suco de laranja comercializado mundialmente. E o Estado de São Paulo é responsável por 80% da produção nacional, estando vinculado diretamente ao mercado internacional, gerando um montante de 1,5 bilhões a 2,5 bilhões de dólares anualmente (NEVES, 2010). É um setor que gera nessa região mais de 230 mil postos de trabalho diretos e indiretos, pois, diferentemente da produção de cana-de-açúcar que vem se mecanizando no Estado de São Paulo, por uma série de recomendações econômicas e ambientais, o setor de cítricos depende largamente de mão de obra pouco qualificada para a colheita dos frutos.

“Ir pro Matão” – condições de vida e trabalho na citricultura paulista

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, o município de Matão possui 76 mil habitantes. Entre sua População em Idade Ativa, segundo nossa

pesquisa qualitativa, há uma recusa generalizada ao assalariamento na colheita de cítricos. Os matonenses, conforme declarado em muitas entrevistas, por considerarem o trabalho da colheita da laranja pouco digno e precário, deixariam a fruta apodrecer no pé, caso dependesse da sua mão de obra. É nesse contexto que anualmente abre-se uma quantidade significativa de postos de trabalho, os quais, em virtude de redes informais de contratação, são preenchidos via arregimentação de trabalhadores do sudeste do Piauí.

O município de Jaicós, no sudeste do Piauí, na região de Picos, tem sido uma área de expulsão de população para a colheita de cítricos no Estado de São Paulo. Está localizado a 379 km da capital Teresina, e segundo o Censo Demográfico de 2010, possui uma população de aproximadamente 18 mil habitantes, em sua maioria jovens na faixa dos 14 - 30 anos. Cerca de 53% de sua população é composta por moradores das áreas consideradas rurais e praticam agricultura familiar.

Vários aspectos da vida social dos migrantes “permanentemente temporários” (SILVA, 2007) de Jaicós em Matão atestam a provisoriedade de suas estadas na cidade.

Esses migrantes, na maior parte das vezes, moram de maneira precária, em casas alugadas por moradores mais antigos que, frequentemente, são migrantes já estabelecidos na cidade. Esta é, por exemplo, a condição de seu João (60 anos), paraibano, que na época da entrevista estava preparando os fundos de sua casa para a chegada dos “*piauí*s”. Diferentemente dos migrantes que vêm para o corte manual da cana-de-açúcar, a empresa responsável pela colheita da laranja não oferece alojamento aos trabalhadores contratados.

Segundo informações da empresa de ônibus que realiza o transporte entre Jaicós e Matão, intensificado no período da safra da laranja, anualmente, mais de três mil trabalhadores da região sudeste do Piauí migram para Matão ou para a região em busca de emprego e renda. Como citado em algumas entrevistas qualitativas, realizadas tanto em Jaicós-PI, quanto em Matão-SP, trata-se de trabalhadores e trabalhadoras que dificilmente pretendem se estabelecer definitivamente no interior paulista, mas visualizam em São Paulo oportunidades não oferecidas em suas regiões.

Assim, as idas e vindas se condicionam pela possibilidade aberta de “melhorar de vida” nos locais de origem, seja através da abertura de um poço em suas terras, para que consigam produzir nas épocas em que não há “inverno”³, seja para “ajuntar” dinheiro e comprar uma moto para si ou para os filhos se deslocarem do “interior” para a cidade. O transporte entre o “interior” e a cidade é feito em carros, motos, mas essencialmente através de caminhões. A transformação do migrante “permanentemente temporário” em migrante permanente ocorre quando adquire uma casa no destino, por exemplo. Entre os migrantes do Piauí é possível encontrar famílias que já vivem em Matão há 30 anos.

Entre Matão e Jaicós há um enorme mercado de bens materiais e simbólicos, animado pela migração. Na maior parte das vezes o financiamento da migração

é realizado por benefícios governamentais, pelos empréstimos entre familiares, pela venda de objetos pessoais e produtos agrícolas. Para a viagem, há pelo menos duas empresas de ônibus que fazem o trajeto entre as duas localidades. Na cidade de Matão, quando os migrantes chegam, o mercado imobiliário é inflacionado, fazendo com que muitos deles passem a habitar casas bastante precárias, sem o devido saneamento. Os proprietários cobram por família ou por pessoa – por “cabeça” – e lucram de maneira exorbitante no período da safra.

Para muitos moradores dos interiores de Jaicós, migrar quando não há “inverno” – período sem chuvas – é um fato social que atinge os pequenos agricultores e envolve boa parte das famílias, pois elas possuem pelo menos um membro migrado, ou que já migrou. As principais culturas produzidas por essa população estão vinculadas com a agricultura de subsistência e/ou de aprovisionamento (SAHLINS, 1970). Muitos trabalhadores rurais não são donos das terras nas quais plantam, assim sendo, arrendam terras de outros proprietários. A produtividade gera pouco excedente, pois eles estão localizados nas piores terras do município e ressentem-se da falta de políticas públicas direcionadas à produção nas pequenas propriedades.

Entre os meses de novembro e janeiro, os agricultores cultivam, ao redor de suas casas, feijão de diversas variedades, mandioca e frutas, como o caju. O trabalho realizado na propriedade é familiar, são os membros da família os responsáveis pelo plantio, colheita e comercialização dos produtos. São as mulheres, os filhos e outros familiares não migrados os responsáveis pela colheita que ocorre nos meses em que muitos trabalhadores já estão na safra da laranja no estado de São Paulo.

Em Matão, esses trabalhadores são contratados para a colheita de cítricos que ocorre entre os meses de junho e dezembro; a contratação se dá através de duas etapas: a) o *agenciamento informal*: este ocorre através das redes sociais nas quais os migrantes estão inseridos; muitas vezes, quando eles descem do ônibus na “*rodoviária dos piauí*” – um bar no município de Matão – já são abordados pelos turmeiros da cidade e muitos já se comprometem a trabalhar na sua turma. b) a *formalização da relação de trabalho pela empresa responsável*: Nesse caso é o turmeiro quem leva os trabalhadores para a realização da entrevista e exames médicos.

O trabalho na colheita requer bastante agilidade física para executar as atividades, por isso o perfil desses migrantes é bastante jovem. Segundo dados da RAIS (Relação Anual de Indicadores Sociais, do Ministério do Trabalho) para o ano de 2010 (RAIS)⁴, o perfil dos trabalhadores da laranja devidamente contratados nas cidades de interesse, era constituído por homens, na faixa de 30 a 49 anos de idade, com ensino fundamental incompleto; cerca da metade desses trabalhadores ganhava, em média, de um salário mínimo e meio a dois salários mínimos (MACIEL, 2012)⁵.

A partir da comparação dos dados da RAIS, com os dados obtidos no trabalho de campo, observamos, ainda, que esses trabalhadores, quando não estão na



Matão - SP, 2012

Foto: Lidiane Maciel

safrá da laranja, encontram-se em seus roçados no nordeste brasileiro. Porém, lá não contam com salários. Por isso, recursos como os do Programa Bolsa Família e das aposentadorias rurais são os que, de alguma forma, movimentam o mercado consumidor de cidades como Jaicós, aos quais se somam os recursos advindos das estratégias econômicas derivadas da migração.

Alguns trabalhadores enfatizam que, na colheita de laranja, abre-se a possibilidade de ganhos maiores, pois o que conta é a produtividade. Assim, há uma valorização entre os trabalhadores dessa ocupação em relação a outras.

O ritmo da jornada de trabalho é imposto pela produtividade. Um trabalhador deve colher cerca de cem caixas de laranja por dia para garantir um salário mínimo. É comum o trabalho ser realizado por casais que vêm com a família inteira, porém, no ano de 2012, no município de Matão houve uma piora significativa nas condições de moradia desses migrantes, pois os proprietários de imóveis passaram a recusar-se a alugar casas para famílias com crianças. Este aspecto fez com que muitas famílias sofressem rearranjos temporários. Algumas mães passaram a deixar seus filhos pequenos sob a tutela da avó, geralmente materna, ou com filhos mais velhos, como no caso de Rosa, 33 anos, que os deixou aos cuidados de uma menina de apenas 13 anos.

Em virtude das longas jornadas de trabalho em contato com vários defensivos agrícolas; do precário acesso ao sistema de saúde no município tanto de origem quanto de destino; das condições precárias de moradia e de uma alimentação inadequada, muitos trabalhadores migrantes adoecem no início da safra e são obrigados a retornar às suas cidades de origem.

Como visto na pesquisa qualitativa, no ano de 2012, houve um pânico generalizado no município de Jaicós, ocasionado pela morte de três trabalhadores rurais, retornados da safra da laranja na cidade de Matão no ano de 2011. Alguns agentes de saúde e outros trabalhadores, entrevistados por nós, que acompanharam as ocorrências, alertaram sobre o uso indiscriminado de defensivos agrícolas e as precárias condições de vida e trabalho enfrentadas pelos migrantes de Jaicós durante a safra. Mesmo as mortes não tendo sido devidamente investigadas, os trabalhadores afirmam em entrevista que os médicos constataram que os pulmões e rins dos trabalhadores que foram a óbito estavam comprometidos devido a possível envenenamento. Assim sendo, alguns pequenos agricultores foram desencorajados pelos médicos a partirem para a safra de 2012, como no caso do marido de Edneide, 33 anos, entrevistada no Centro de Referência de Assistência Social de Jaicós em julho de 2012. Em seu relato ela nos conta que o medo era dele morrer durante a safra, já que seu pulmão estava “fraco”.

Do lado dos patrões – as empresas – há acusação de que os trabalhadores negligenciam o uso dos EPI (Equipamentos de Proteção Individual), e por isso há contaminação e acidentes sofridos. Já os trabalhadores argumentam que pelo fato da empresa oferecer equipamentos padronizados, os mesmos, frequentemente, não se ajustam a seus corpos individualizados.

O fungicida *Carbendazim*, utilizado no combate às pragas que assolam as plantações de cítricos, encontra-se sob investigação por várias agências internacionais. A OMS (Organização Mundial da Saúde), por exemplo, considera que sua ingestão em altas doses pode oferecer riscos à saúde do consumidor do suco de laranja. Do lado clínico, já existem, inclusive, estudos que comprovam a mutação celular ocasionada pelo contato e ingestão desse defensivo agrícola.

No entanto, no debate sobre o uso do polêmico defensivo pelos produtores, que barrou as exportações do suco de laranja brasileiro para os Estados Unidos em 2012, veiculado em diversos meios de comunicação, em nenhum momento os riscos à saúde do trabalhador rural da colheita, que cotidianamente está exposto a esse defensivo e diversos outros, foram considerados.

Nas entrevistas foi possível observar que entre os trabalhadores rurais há um consenso que muitas vezes colhem a laranja em meio à dispersão de vários fungicidas e outros pesticidas. Eles reconhecem que há “veneno” na colheita, pelo cheiro que inalam diariamente e os resíduos que ficam nas roupas durante o período em que se encontram no pomar. Ainda, segundo os trabalhadores, o odor deixado pelo veneno é intensificado quando eles durante os dias de chuva se molham. Mesmo utilizando luvas e sapatos, as mãos e pés dos trabalhadores apresentam um aspecto sempre amarelado e com muitas erupções e rachaduras.

Porém, mesmo considerando as condições precárias desses trabalhadores, é a atuação como assalariados rurais, em cidades como Matão, que permite

a reprodução de suas famílias nos locais de origem, e é através dos ganhos no trabalho da colheita da laranja, e da própria migração, que lhes é possível incrementar a produção agrícola em seus roçados e até mesmo comprar uma propriedade e construir uma casa. O retorno no mês de dezembro, após a safra de cítricos na cidade de Matão, reanima a comunidade ou os “interiores” deixados.

Em Jaicós, no Piauí, a ideia mais geral sobre os migrantes que vão para Matão no estado de São Paulo, ou para outras cidades, é que eles “*vivem de mundo*”. Alguns entrevistados, como Cecília (45 anos), senhor José (66 anos), e Maria do Socorro (56 anos) reforçam a noção de que são sobreviventes do processo de expropriação socioeconômica que a comunidade vive, pois nunca precisaram “viver de mundo”.

O mundo, no caso, é o “desconhecido”, e a migração tem um sentido simbólico-ritual que reintegra os sujeitos migrados às suas sociedades de origem com status diferenciado daquele de quando o sujeito saiu, como já enfatizava Woortmann (1990).

No processo migratório desses trabalhadores, o retorno é um elemento constitutivo da identidade de suas comunidades rurais. O retorno com sucesso é medido a partir dos ganhos sociais e econômicos auferidos pela migração, assim constitui uma obrigatoriedade (SAYAD, 2000), na qual a migração é para os trabalhadores rurais uma possibilidade emancipatória de suas precárias condições de vida na origem. Em alguns casos, como de Maria do Socorro (56 anos), Maria das dores (65 anos) e tantas outras mães entrevistadas que possuem filhos migrados que ainda não voltaram, é como se eles estivessem no limbo, em uma situação intermediária. Muitas mães relatam que seus filhos não podem voltar antes de obterem o objetivo pré-estabelecido, que no caso articula, necessariamente, a dimensão do sucesso.

Assim, já caminhando para as considerações finais, podemos dizer que o que aprendemos com os migrantes de Jaicós em Matão é que, “uma pessoa ou família *ausente* de sua terra natal e *presente* em outra região representa mais do que um simples deslocamento, pois, de fato, o que se opera é a transfiguração de um evento vital em um significado particular na estrutura social na qual se insere a pessoa ou grupo familiar” (FAZITO, 2010, p.90).

O retorno movimentava tanto a comunidade de “origem”, quanto a chegada movimentava a cidade de “destino”. Assim, o fenômeno migratório é responsável pela redefinição dos papéis sociais – daqueles que vão e daqueles que ficam –, reorganizando os espaços de vida (COURGEAU, 1988), e as próprias identidades sociais dos sujeitos. Estar em determinadas épocas do ano em Matão, e em outras em Jaicós, faz parte da condição de existência de muitas famílias, que constroem seus discursos ora positivando a estada em Matão e negatizando a condição social de seu município, ora integrando os dois espaços em um mesmo mosaico de interações sociais.

Considerações finais

A reflexão sobre o processo migratório de trabalhadores rurais do sudeste do Piauí para os laranjais paulistas deve ser considerada dentro do quadro de transformações sociais e econômicas por que passou a agricultura paulista nos últimos quarenta anos. A circulação de trabalhadores entre universos rurais distintos e os diversos modos de ser do urbano, é um aspecto relevante na constituição de processos sociais de identidades. A migração aparece para esses trabalhadores como alternativa no processo de construção de suas histórias de vida familiares, frente ao descaso com que suas regiões são tratadas pelo poder político local. A migração – vinculada à expulsão – como mencionado por Pe. Alfredo J. Gonçalves, do Serviço Pastoral do Migrante, em diversas intervenções, textuais e não textuais, é um sinal dos tempos. Representa um alerta frente ao tipo de escolhas econômicas que têm sido feitas durante as últimas décadas. Assim, os estudos dos processos migratórios são importantes, pois revelam muito mais do que o simples deslocamento de pessoas à procura de emprego e renda, eles nos colocam diante dos novos desafios a serem enfrentados na contemporaneidade.

Notas

1 - Este trabalho faz parte do “Projeto Temático FAPESP: Observatório das migrações no Estado de São Paulo” coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baeninger. A pesquisa de campo sobre os piauienses na Região Central do Estado São Paulo conta com a participação da aluna de Iniciação Científica Giovana Pereira Gonçalves.

2 - A noção de interior engloba para os piauienses do semiárido piauiense as áreas rurais do município, o qual possui 18.035 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 865,140 Km², cuja densidade demográfica é de apenas 20,85 hab/km².

3 - Os trabalhadores rurais de Jaicós, migrantes, chamam o período de chuvas de inverno. No período que engloba o final de 2011 e início de 2012 “ainda não teve inverno”, como expresso em muitas falas, o período foi de seca constante.

4 - Agradecemos a Silvana Queiroz pelo apoio oferecido à pesquisa no que diz respeito à tabulação dos dados da RAIS.

5 - O Salário mínimo, no ano de 2012, equivalia a R\$ 622,00.

Referências

- BAENINGER, R. A. *Região, Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil, 1980-1996*. Campinas. Tese (Doutorado), Campinas: IFCH/Unicamp, 1999.
- BAENINGER, R. A. Migração, Migrações. In: *Idéias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp*. Campinas. Julho de 2011.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- COURGÉAU, D. *Méthodes de mesure de la mobilité spatiale*. Migration internes, mobilité temporaire, navette. Paris: Éditions de l’institut national d’études démographiques, 1988.
- FAZITO, D. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. 2010.
- MACIEL, L. M. *O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-graduação em Sociologia, Campinas-SP: IFCH/Unicamp, 2012.

- MORAES, M.; FRAZÃO, F; JÚNIOR, T. R. Andando pelo mundo. Significados da migração temporária do Piauí para a agroindústria canavieira paulista. In: NOVAES, J. R. P; ALVES, F. J. C. (orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: Ed. UFSCAR, 2007.
- NEVES, M. F. et al. (coords.) *O Retrato da Citricultura Brasileira*. Ribeirão Preto/SP: CitrusBR, 2010.
- NOVAES, J. R. P; ALVES, F. J. C. (orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: Ed. UFSCAR, 2007.
- PEREIRA, G. G.; PEREIRA, O. G.. Políticas Sociais e Migração Interna: Um Estudo sobre a Terra da Saudade. In: *Anais do III Seminário do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, São Carlos, 2012, p. 56-56.
- SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia – Revista do Migrante*. São Paulo, ano XIII, número especial, jan. 2000.
- SCOPINH, R. A. Controle social do trabalho no setor sucroalcooleiro: reflexões sobre o comportamento das empresas, do Estado e dos movimentos sociais organizados. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho* (USP), São Paulo - SP, v. 7, p. 11-29, 2004.
- SHALINS, M. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- SILVA, M. A. de M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- SILVA, M. A. de M. *Expropriação da terra, violência e migração: camponeses do nordeste do Brasil nos canaviais paulistas*. V Seminário Memória, Ciência e Arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento. PREAC, Centro de Memória da Unicamp, Centro de Memória em Educação – FE, Campinas, 2007.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. (org.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., [1976] 1988.
- WOORTMANN, K. Com parente não se “neguceia”. O campesinato como ordem moral. *Anuário antropológico/87*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.

Bancos de dados citados:

- CENSO DEMOGRÁFICO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010
- RAIS – Relação Anual de Indicadores Sociais. Ministério do Trabalho. 2010.

RESUMO

O artigo aborda as questões derivadas do processo migratório de famílias de pequenos agricultores do semiárido nordestino para o trabalho na citricultura paulista. Toma como campo de estudo os municípios de Matão, na região central do estado de São Paulo, e Jaicós, no sudeste piauiense. As reflexões surgem do trabalho de campo realizado de março a julho de 2012 e atentam para as condições de vida dessa população sujeita a idas e vindas desencadeadas pelo processo migratório, ocasionado por sua situação de pobreza.

Palavras-chave: migração temporária; piauienses; citricultura.

ABSTRACT

The article addresses questions derived from the migration of families of small-scale farmers from northeastern Brazil working in citriculture in the State of São Paulo. Take as Field of study the city of Matão, in the Central Region of São Paulo State, and Jaicós, in the southeastern of Piauí State. The reflections arise from fieldwork conducted from March to July of 2012 and pay attention to the living conditions of this population, being subject to the unleashing effects caused by their migration and their poverty.

Keywords: migration; piauienses; citriculture.